

# Paulistas revisitam a Expedição Langsdorff

Discovery Channel compra por US\$ 350 mil direitos sobre documentário da produtora Grifa, que vai reconstituir uma das mais emocionantes viagens fluviais feitas em território nacional



Álvaro Oliveira  
de São Paulo

**P**elas lentes da produtora cinematográfica paulista Grifa, cerca de 140 milhões de famílias em todo o mundo poderão conhecer uma das maiores expedições fluviais já realizadas no Brasil. Dentro de quatro meses, um grupo de cineastas, produtores e técnicos brasileiros irá refazer o mesmo percurso completado pela Expedição Langsdorff, há 170 anos. Assim como ocorreu naquela época, o documentário (que deverá ficar pronto para exibição em TV a cabo até, no máximo, o início do ano 2000) registrará as mais variadas espécies da exuberante flora e fauna tropicais, além de estudar o comportamento dos povos que ainda habitam as margens dos rios.

A viagem original, que durou três anos e percorreu mais de 6 mil quilômetros de águas, foi idealizada pelo alemão George Heinrich Langsdorff no início do século XIX a mando do czar Alexandre I (ver mais na página 3). O grupo de aventureiros embarcou em enormes canoas na cidade de Porto Feliz — a cerca de 100 quilômetros de São Paulo — em 1826. Sacrificando vidas ou colocando em risco permanente a integridade física da maioria dos participantes, a expedição cumpriu a meta inicial de navegar até

Santarém, no Pará, partindo do Rio Tietê e finalizando a missão no Rio Amazonas (os expedicionários caminharam 40 quilômetros a pé na região de Mato Grosso).

Para concretizar o audacioso plano, os irmãos Fernando e Maurício Dias, donos da Grifa, enfrentaram a concorrência de mais de 7 mil produtoras de documentários de todo o mundo, que também tentaram vender suas idéias para a Discovery Channel. Em outubro, os dois empresários e a diretora de imagem e negócios da Grifa, Carolina Kotscho, desembarcaram em Miami, nos Estados Unidos, com a fita da gravação resumindo a “Expedição Langsdorff 99” — como foi batizado o trabalho.

Fundada em 1996, a Grifa alcançou o reconhecimento internacional, prematuramente. Dois projetos da produtora, “Três Chapadas e um Balão” e “Mapas Urbanos”, fizeram sucesso poucos meses após serem concluídos. Depois de exibidos na GNT e na TV Cultura, ampliaram-se os contatos com o mercado externo. Estavam abertas as portas para sair em busca da credibilidade internacional. “Fizemos uma oferta com o que tínhamos de melhor”, diz o cineasta Maurício Dias. “Mesmo assim, não esperávamos que a Discovery se impressionasse tanto com a ‘Expedição Langsdorff 99’”.

O projeto foi avaliado por uma bancada constituída por 14 jurados, todos executivos de empresas que estabelecem parcerias com a Discovery Channel, como ABC, Travel Channel

e National Geographic, entre outros canais de TV a Cabo. Numa primeira avaliação foram selecionados 20 dos 7,2 mil trabalhos apresentados. A segunda e última foi ainda mais criteriosa. Os produtores submeteram-se a uma sabatina para argumentar sobre os critérios que os levaram a escolher determinado tema. Dessa forma, dos 20 documentários, restariam cinco — todos os que seriam totalmente financiadas pela Discovery. A “Expedição Langsdorff 99” ficou entre as melhores e agora receberá cerca de US\$ 350 mil para a execução da viagem. Em troca, o canal americano terá os direitos exclusivos de exibição e comercialização do documentário.

**Viagem original levou 3 anos e percorreu 6 mil quilômetros; a nova levará 4 semanas**

Aproveitando as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, em abril do próximo ano, a Discovery programou para aquele mês a estréia mundial do documentário. “É a primeira vez que um canal como o Discovery interessa-se por uma produção brasileira”, diz o diretor-sócio da Grifa, Fernando Dias.

As estratégias da empresa para desenvolver o documentário já estão traçadas. Por ser um mês mais seco, a equipe elegeu agosto como o período ideal para a partida. Enquanto Langsdorff e sua comitiva levaram três anos para completar a missão em suas oito canoas, o grupo espera percorrer o

mesmo trajeto nos três grandes botes motorizados em quatro semanas. Os sete primeiros dias serão dedicados ao trecho do Estado de São Paulo (ver mapa). Na segunda etapa, também com duração de uma semana, o grupo cortará os rios do Mato Grosso e, nas semanas seguintes, completa o trecho final de 1.200 quilômetros.

Pelos cálculos do cineasta Maurício Dias, que vai dirigir o trabalho, os gastos com a equipe de 10 pessoas, material de produção e com a pós-produção deverão consumir 90% da verba. “Provavelmente, teremos um lucro de pouco mais de US\$ 30 mil ao final da expedição”.

Os irmãos Dias apostam em algumas regras básicas seguidas pela grande parte das produtoras que emplacam seus trabalhos no concorrido mercado americano. O ideal é “quebrar” a história em até três partes, variando sempre com durações de 30, 50 ou 60 minutos “Os documentários precisam encaixar-se nas exigências dos patrocinadores”.

A diretora Carolina Kotscho atribui o sucesso de audiência de uma produção a três principais fatores. Na sua opinião, exibidor, executor e patrocinador precisam ter os mesmos objetivos para que o documentário seja tratado essencialmente como um produto comercial. “Aprendemos a optar pelo assunto que tem apelo internacional com um plano de mídia coerente e convincente”. ■

(Ver mais na página 3)

## Grifa lança 5 novos filmes este ano

A Grifa prepara outros cinco novos títulos para serem lançados em 1999. São documentários filmados em 16mm e pós-produzidos em vídeo digital. O primeiro é “Confidências do Rio das Mortes” (já finalizado), que conta histórias das povoadas remanescentes das vilas, quilombos, arraiais e aldeias da Colômbia do Rio das Mortes, no sul de Minas Gerais. O documentário tem 52 minutos de duração e trilha original do percussionista Naná Vasconcelos. O trabalho será exibido pela TV Cultura neste semestre.

Ainda em fase de conclusão, “Baleias em Abrolhos” mostra a fase de reprodução da baleia Jubarte no arquipélago baiano. Também com 52 minutos de duração, o filme é dirigido por Maurício Dias. Outra produção que está para ser finalizada é o documentário “500 Almas”, que retrata a cultura milenar dos índios Guató - originários da ilha Insua, no Pantanal mato-grossense.

As cidades de Recife e Belo Horizonte serão tema de filmes da série “Mapas Urbanos”, que mostra as cidades do ponto de vista de poetas e compositores. Cada documentário terá 26 minutos. O documentário “Parques Nacionais” dá continuidade ao prestigiado “Três Chapadas e um Balão”. Trata-se de um passeio aéreo pelos principais parques do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. ■ (A.O.)

## ■ GRANDE SÃO PAULO

## AVENTURA

# Langsdorff desvendou mistérios do mundo tropical

Uma das pesquisas culturais mais importantes do século passado no País, viagem custou a razão ao médico e antropólogo alemão

Álvaro Ollivra  
de São Paulo

**M**arcada por capítulos emocionantes — como a morte por afogamento de um dos principais integrantes da comitiva e a loucura que acometeu o chefe da aventura antes mesmo que ela chegasse ao fim —, a Expedição Langsdorff representa um dos mais importantes acontecimentos científicos e culturais do Brasil.

Grigory Ivanovitch (George von Heinrich) nasceu na Alemanha e

formou-se médico, antropólogo, botânico, zoólogo, filólogo e navegador. Seu primeiro contato com o Brasil ocorreu em 1804, em Santa Catarina. Nove anos depois retornaria ao País, instalando-se no Rio de Janeiro, onde exerceu o cargo de cônsul-geral da Rússia.

Apaixonado pelo Brasil, Langsdorff lançou-se na grande empreitada da navegação do século para revelar o até então desconhecido e fascinante mundo tropical. A partir de 1821, iniciou a contratação de astrônomos, navegadores, botânicos, zo-

ólogos e, especialmente, três artistas que desenhavam com espantosa realidade centenas de gravuras de animais, plantas e flagrantes dos costumes das inúmeras tribos indígenas que habitavam todo o trajeto.

Só em 1826 (informação pesquisada no livro "Expedição Langsdorff"/Edições Alumbramento) a expedição — formada por cerca de 30 pessoas — deixou Porto Feliz, no interior paulista, embarcando em oito pesadas e grandes canoas que enfrentariam todo tipo de adversidades provocadas pelo mau tempo, ca-

choeiras, ataques de animais selvagens, além de um dos piores inimigos da época, as doenças tropicais.

Entre os integrantes do grupo, destacaram-se três renomados artistas: Johann Moritz Rugendas, Aimé-Adrien Taunay (de família francesa emigrada para o Brasil) e o pintor e cartógrafo Hercules Florence. Todos eram mestres de primeira linha em retratar cenários. Seus trabalhos representam até hoje um valiosíssimo material para pesquisas científicas da flora e fauna do Brasil, além de serem considerados autênticas obras-primas.

As baixas na expedição não pouparam remadores e pessoas que, na ocasião, acreditavam estar, de certa maneira, protegidas contra fatalidades. Este foi o caso do jovem artista Taunay. Com apenas 25 anos, o pintor morreu afogado ao tentar atravessar o rio Guaporé, no Mato Grosso, nadando em um dia de forte tempestade em busca de cenas inéditas. Sua contribuição artística tem o maior número de trabalhos preservados até hoje, com um total de 151 ilustrações. Outro aventureiro que encontrou a tragédia como destino foi o próprio Langsdorff. Quando faltava mais de um ano para completar o desafio, o mentor e executor da missão começou a sofrer diariamente com períodos alternados de febre alta, provavelmente ocasionada pela malária.

Os sintomas da doença intensificaram-se e, em 20 de maio de 1827, o expedicionário escreveu pela última vez em seu diário. Daí por diante

Langsdorff perdeu completamente a razão e a memória. Totalmente insano, chegou ao Rio de Janeiro em 1829 e, no ano seguinte, foi levado para a Europa, onde ficou até morrer, em 1852, aos 78 anos.

O século 19 foi, indiscutivelmente, o período das explorações voltadas para o conhecimento da terra, mas o interesse em encontrar valores que pudessem enriquecer a vida cultural da Europa jamais foi abandonado. Com esse espírito a expedição produziu um rico acervo de 368 aquarelas e desenhos, centenas de mapas, mais de mil páginas manuscritas com anotações diárias, cartas e valiosas informações sobre geografia, física, economia, geobotânica e zoologia. Também foram extraídos ouro e diamante e coletadas informações a respeito de 300 cidades e 200 povoações formadas por brancos, negros e índios. Ao fim da missão, todo material foi entregue à Academia de Ciências da Rússia, onde permanece até hoje. ■

8/4/99 Pg. 3  
Documentação